



Recebido em: 14/04/2023

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 1 – 2023
ISSN: 2359-1064

Aprovado em: 15/08/2023
DOI: 10.18554/ifd.v10i2.6805



Publicado em: 31/12/2023

Renata Cristina da Cunha¹
Bianca Ferreira de Araújo²
Jonathas de Cerqueira Castro³

Resenha do livro “O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas”

Review of the book “The Universe of Language: About Language and Languages”

Resumo: Este texto trata-se de uma resenha sobre o livro “O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas” publicado pela editora Contexto no ano de 2021.

Palavras chave: linguística, linguagem, cultura.

Abstract: This text is a review of the book “*The Universe of Language: About Language and Languages*” published by the Context publisher in 2021.

Keywords: linguistics, language, culture.

Introdução

Aldo Bizzocchi, pesquisador atuante nos campos da linguística e da semiótica, detém o título de doutor em linguística e semiótica pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorados em linguística comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em etimologia pela própria USP.

No ano de 2021, Bizzocchi publicou *O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas*. Em seu prefácio, o autor adverte que a obra não é um livro didático, e nem deve ser tomada como tal. Dividida em quatro partes, a obra discute diversas questões relacionadas à língua e à sua compreensão de um ponto de vista científico. O autor utiliza recursos interessantes para facilitar a compreensão do leitor, tais como figuras explicativas para ilustrar conceitos complexos e quadros comparativos entre diferentes línguas, evidenciando a

¹ Professora Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e em Docência do Ensino Superior pela UFPI. É graduada em Pedagogia pela UFPI e em Letras-Ingês pela UESPI.

² biancaaraujo@aluno.uespi.br

³ ideccastro@aluno.uespi.br



CUNHA, R. C et. al

similaridade entre elas, o que é um ponto bastante positivo na visão deste leitor. Ademais, ao término de cada capítulo, há notas explicativas sobre pontos específicos do texto.

Na parte I, “Uma ciência chamada linguística”, Bizzocchi apresenta ao leitor a origem da linguística enquanto ciência por meio de sua revisão histórica, passando pelos períodos da Antiguidade (clássica), Idade Média e Idade Moderna. Um ponto positivo e uma crítica pontual do autor é a de que muitas das práticas que vigoram atualmente (como o estudo dos clássicos da língua portuguesa, malgrado o português falado no Brasil se distancie do português lusitano) derivam de métodos originados no século XVII, período que foram criadas as primeiras Academias francesas, as quais tinham como objetivo manter a “pureza” da língua, tornando como padrão de correção e elegância o uso linguístico dos clássicos.

O autor aprofunda o estudo da linguística como ciência, destacando que o século XIX foi marcado pelo (possível) primeiro estudo linguístico dotado de uma metodologia científica, realizado por William Jones, que, por meio da análise de inúmeras palavras das línguas indus e europeias, utilizando-se do método de reconstrução por comparação, chegou a uma hipotética língua-mãe comum, denominada indo-europeu.

Diversos outros pontos dignos de nota são abordados na seção introdutória, tais como a distinção entre língua e fala; a diferença entre os estudos diacrônicos e sincrônicos; o fenômeno da mutação linguística; e a origem de dialetos – cujo reconhecimento, muitas vezes, é uma questão política e passível de forte estigmatização (aqui, Bizzocchi cita a aversão pelo dialeto que lembra o passado ruralista do Brasil).

Da leitura da primeira seção, o leitor compreende que a língua não é apenas um produto da cultura, mas também da história, visto que, por meio do estudo de uma variação linguística, é possível conhecer o passado de uma determinada população, tal qual o citado exemplo do dialeto caipira. Assim, a língua possui uma importante função de preservação da memória de uma cultura; cite-se, por exemplo, o dialeto das religiões de matrizes africanas responsáveis pela preservação das tradições de sua comunidade. Portanto, mais do que uma ferramenta de comunicação, a língua representa a história e a memória de um povo.

Bizzocchi ainda investiga a existência de uma língua predecessora a todas as demais, a língua-mãe das línguas atuais. Buscando responder a essa pergunta, pesquisadores pensaram a hipótese de existência de uma “protolíngua”, desenvolvida pelos primeiros



CUNHA, R. C et. al

hominídeos; essa teoria foi denominada “teoria da torre de Babel”. Tal protolíngua teria passado por estágios de desenvolvimento até chegar à fala articulada, a partir do momento em que a vida de nossos ancestrais se tornou suficientemente complexa a exigir uma comunicação mais sofisticada.

Ou seja, à medida que as atividades humanas se tornaram mais complexas, a comunicação se tornou essencial para lidar com as exigências da vida moderna. Isso levou a um aumento na complexidade da linguagem, tornando possível a expressão clara e precisa de ideias. Todavia, é importante ressaltar que uma análise puramente funcional da linguagem pode levar a uma visão limitada e segregacionista das línguas. Isso pode resultar em uma classificação hierárquica das línguas, nas quais algumas línguas (e culturas) são vistas como superiores a outras. Assim, o leitor deve estar atento para não ser levado por uma visão limitada e reducionista da linguagem, se fazendo necessário que a análise da linguagem seja mais ampla, incluindo aspectos sociais, culturais e históricos, a fim de evitar a perpetuação do preconceito linguístico.

Na parte II, “A mecânica da língua”, Bizzocchi busca explicar o funcionamento das línguas em geral nos seus diversos aspectos. No primeiro capítulo, o autor aborda outros pontos dignos de nota, como o sotaque; o gênero na linguística, com um ponto curioso de que, em muitas línguas, há a presença de três ou até quatro gêneros distintos; o uso dos números e a origem dos numerais; ainda, o autor apresenta diferentes visões e construções linguísticas relacionadas ao tempo (pretérito, presente e futuro), espaço (localização geográfica) e posições dos astros, citando como origem línguas ancestrais. Por fim, Bizzocchi aborda as teorias que buscam definir o conceito de palavra, concluindo ser esta uma árdua tarefa, posto que nem linguistas, nem gramáticos, conseguiram defini-la com exatidão.

Apesar de curta, a segunda parte da obra é bastante densa, focando muitas vezes nas regras da gramática normativa, o que tornou a leitura enfadonha em certos aspectos. Para contornar esse problema, o autor lança mão de abordagens interdisciplinares sobre o assunto estudado, trazendo conceitos da física e biologia, e até mesmo citando fatos históricos para justificar a origem de determinados termos da linguística.



CUNHA, R. C et. al

A parte III, “Linguagem, cultura e visões de mundo”, discute a relação entre a cultura e a língua, e como aquela varia de acordo com a mudança desta, e vice-versa. Citando o exemplo das cores do arco-íris, Bizzocchi advoga que cada língua reflete uma particular visão de mundo, própria de cada cultura; essa análise feita por cada língua é chamada pelos linguistas de recorte cultural. Uma interessante discussão presente na seção é a visão do autor de que o monolinguismo pode levar à limitação da visão de mundo, porquanto o modo de enxergar a realidade é “formatado” pela língua falada; assim, aprender uma nova língua – conhecendo a sua cultura – leva a uma ampliação da visão de mundo.

Por fim, o autor indaga se a cultura determina a língua, ou se seria o contrário, concluindo pela impossibilidade de se saber quem surgiu primeiro, a linguagem ou a cultura, visto que ambas são intimamente ligadas. Um ponto importante abordado nessa seção diz respeito à categorização de línguas (e culturas) como “primitivas” ou “civilizadas”. Segundo Bizzocchi, a maioria das línguas “primitivas” não possuem vocábulos abstratos (como conjunções e preposições), ou são limitadas em seus numerais – contando no máximo até o algarismo cinco – pois “a vida na selva não exige grande precisão aritmética. Tampouco exige frações, raiz quadrada, geometria [...]” (2021, p. 163).

Da leitura da seção, o leitor pode perceber um determinismo econômico por parte do autor, no qual a língua de um povo se condiciona a seu modo de produção ou sistema econômico; assim, um sistema econômico mais complexo – notadamente o capitalista –, levará a um desenvolvimento cultural e linguístico “superior” àquele de uma sociedade tribal, cujos modos de produção e relações de poder são muito mais simples.

Entretanto, essa visão pode levar a uma concepção equivocada de que uma sociedade com um sistema econômico mais complexo é cultural e linguisticamente “superior” a uma sociedade tribal com modos de produção e relações de poder mais simples. Essa postura etnocêntrica, que considera a cultura branca como superior às outras, deve ser combatida e tratada com cautela, uma vez que foi usada para justificar a invasão e a dominação de diversas sociedades tribais, como ocorreu na África e na Austrália. É fundamental reconhecer que não existe uma superioridade cultural ou linguística e que a diversidade é uma riqueza que deve ser preservada (JANSON, 2020). Nesse sentido, a



CUNHA, R. C et. al

linguística deve trabalhar para entender e valorizar as diferenças linguísticas e culturais, sem perpetuar o etnocentrismo e a discriminação.

A parte IV, “A linguagem e a mente”, propõe explicar como o cérebro processa os símbolos, e como criamos as representações que são o fundamento do nosso próprio pensamento, além de tratar das “ilusões” criadas pela linguagem. Como dito, no capítulo anterior, as línguas criam uma visão de mundo particular de cada cultura, de ver e pensar a realidade; nesta seção, Bizzocchi aprofunda a discussão, ao afirmar que a realidade só pode ser pensada por causa de uma linguagem. O autor percorre os processos mentais ligados à linguagem, desde o uso de metáforas linguísticas, ao processo de abstração da linguagem, chegando a discutir como as línguas criaram nossos conflitos existenciais, pois, segundo o autor, a linguagem cria as abstrações (como a morte, Deus, a infinitude, o Nada, entre outros). Por conta desse poder de abstração da língua, Bizzocchi afirma que vivemos em uma realidade criada por nossos símbolos, tal qual em o mito da caverna.

Outro ponto que merece aprofundada discussão e reflexão, é a preocupação do autor com relação ao extermínio das línguas. Segundo Bizzocchi, nos próximos 100 anos, 50% das mais de 6 mil línguas existentes desaparecerão, majoritariamente línguas de sociedades tribais africanas e americanas, tendo como principal causa a dominação econômica e cultural branca. Esse desaparecimento de línguas das sociedades tribais é fruto de um projeto de dominação político, social e econômico disfarçado de globalização e desenvolvimento, incentivado pelo modelo econômico capitalista, que dita a necessidade de expansão e de imposição de uma língua dominante (no caso, o inglês) aos diversos povos do globo, tolhendo-lhes de suas línguas maternas e, por conseguinte, apagando suas culturas.

A preocupação do autor com o desaparecimento de línguas e culturas é pertinente, considerando que a diversidade linguística e cultural é uma riqueza que deve ser preservada. O preconceito linguístico também é uma questão que deve ser debatida, pois muitas vezes é utilizado como uma ferramenta de dominação e exclusão social. É importante que esses temas sejam abordados no meio acadêmico e na sociedade em geral, pois só assim poderemos valorizar e respeitar todas as línguas e culturas. As páginas dedicadas por Bizzocchi a esses temas são um ponto bastante positivo, e certamente devem ser trazidas para a sala de aula.



CUNHA, R. C et. al

Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 2 – 2023
ISSN: 2359-1064



Considerações finais

Como informado no prefácio, a obra não é um livro didático, e nem deve ser tomada como tal. Na verdade, *O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas* é um livro muito mais denso do que as suas 221 páginas o fazem parecer; ainda assim, o autor torna a leitura agradável por meio de exemplos didáticos e comparações com outras disciplinas.

É uma leitura obrigatória para quem almeja iniciar a formação acadêmica no campo da linguística, pois realiza o seu estudo desde a sua origem, analisando-a sob um contexto interdisciplinar. O autor, ainda, apresenta ao leitor ramos específicos da linguística, como a sociolinguística e a psicolinguística, o que é um ponto bastante positivo, pois atrai a atenção do leitor a seguir esses ramos de pesquisa.

Por esse conjunto de motivos, a obra cumpre com o seu objetivo de apresentar ao leitor uma gama de informações de forma fluida e atrativa, sendo ideal para estudantes que estão no início da graduação.

Referências

- JANSON, Tore. **A história das línguas**: uma introdução. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2020.
- BIZZOCCHI, Aldo. **O universo da linguagem**: sobre a língua e as línguas. São Paulo: Contexto, 2021.

Como citar este artigo (ABNT)

CUNHA, R. C et. al. Resenha do livro "O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas". Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 10, n. 1, p. XXX-XXX, 2023. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.



Revista Iniciação & Formação Docente
V. 10 n. 2 – 2023
ISSN: 2359-1064



CUNHA, R. C et. al

Como citar este artigo (APA)

CUNHA, R. C et. al. (2024). Resenha do livro "O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas".. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Comentado [M1]: Conferir como é feita a Referencia de resenha